

ROMO, Eduardo Javier Alonso (2000), *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier*, Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

Francisco Xavier é uma figura fascinante, pela facilidade com que aprendia as língua e as usava nas suas pregações, fazendo lembrar os primeiros apóstolos que extasiavam as multidões ouvindo-os cada qual falar a sua própria língua. Esta obra de Alonso Romo é um trabalho essencialmente filológico que vem contribuir para um melhor conhecimento da sua actividade epistolográfica e do seu perfil linguístico.

É constituída por duas partes: na primeira, dividida em três capítulos, o Autor trata fundamentalmente da formação linguística de Francisco Xavier, da influência sobre ele exercida por outros missionários, com particular relevo para Santo Inácio de Loyola, da sua actividade missionária, das circunstâncias da redacção dos seus escritos e da transmissão dos mesmos, terminando com a classificação do *corpus* xaveriano.

Na segunda parte, depois de um capítulo sobre o português falado por Francisco Xavier, apresenta, em quatro capítulos, o estudo linguístico dos documentos em português de Francisco Xavier, nos seus vários aspectos: grafemático e fonético-fonológico, morfossintáctico, lexical e estilístico.

Entre as páginas 339 e 396 é apresentada uma lista com todas as formas que constituem os textos sobre que recaiu o estudo, com o respectivo número de ocorrências. Finalmente, a obra é enriquecida com abundante bibliografia repartida por vários domínios, de que se destacam obras que respeitam a Francisco Xavier e que foram seleccionadas de entre os vários milhares de estudos que lhe têm sido consagrados. São cinco as rubricas consideradas: 1. Fontes, 2. Edições dos escritos de Xavier e dos seus companheiros, 3. Biografias sobre Francisco Xavier, 4. Bibliografia sobre o português do século XVI (com três subdivisões), 5. Outras obras e estudos.

Em apêndice, são apresentados os noventa e quatro documentos de Francisco Xavier redigidos em língua portuguesa, na edição crítica de Schurhammer-Wicki (Roma 1944-1945), relativamente à qual M. G. da Costa declara: «em perfeição técnica, exactidão de minúcia, plenitude de informação, ciência diplomática, não conhecemos obra que se lhe compare [...]» (23, n. 21).

A informação sobre o Santo missionário é riquíssima.

Na opinião de Schurhammer, é bem provável que a língua materna de S. Francisco Xavier fosse o basco, conhecendo também o castelhano e, ainda, segundo o mesmo autor, o francês. Não há provas de que conhecesse o grego e não terá estudado hebraico; todavia, conhecia o latim. Tinha facilidade em aprender os rudimentos das línguas, citando Schurhammer nove que Francisco Xavier dominava em maior ou menor grau.

Relativamente à língua portuguesa, ela foi aprendida através da oralidade e de forma não sistemática. Note-se que Francisco Xavier veio para Portugal, a convite de D. João III, em 23 de Abril de 1540, e cá se demorou apenas nove meses (até 7 de Abril de 1541). Depois partiu para Goa, onde chegou a 6 de Maio de 1542, sendo então Goa a capital do Oriente português. Mas já antes, em Paris, vivera no Colégio de Sta Bárbara, onde residiam muitos estudantes portugueses.

Em meados do século XVI, a língua portuguesa passa por grandes transformações, enriquecendo o seu acervo lexical, disciplinando as suas estruturas morfossintáticas e expandindo-se pelo mundo em competição com o castelhano. É essa língua, que a expansão ultramarina tornou numa língua de cultura em todo o mundo, e para a qual Fernão de Oliveira e João de Barros vão reclamar o estatuto e dignidade da língua latina, que Francisco Xavier usa, reconhecendo-a como veículo imprescindível para a catequese e pregação no Oriente. Daí, a sua preocupação com a criação de escolas, tanto para os filhos dos portugueses como para os filhos dos indígenas.

Contudo, para que pudesse ser entendido, Francisco Xavier falava nas suas pregações «meo negro e meo portugues», conforme testemunho do jesuíta António Quadros (176). Serafim da Silva Neto diz que «o grande Santo» falava em crioulo, mas apenas para os ouvintes que de outro modo o não entenderiam (178). Schurhammer assinala que se tratava do chamado «patuá, um português “viciado”, simplificado y mezclado de palabras indígenas» (178). A este propósito, Alonso Romo cita um interessante testemunho de João de Lacerda:

«Na declaração das cousas assi se accommodava á capacidade dos ouvintes, respoytando sempre a maior gloria de Deos, e bem das almas, que chegava a fallar o Portugues com a gente da terra trocado, e meyo negro como o elles fallam, porque melhor o entendessem [...]. Facilmente será, e fora em qualquer outro aquella

sorte de pronunciaçam festa e riso ao auditorio; mas na boca do padre Francisco era lingoagem do ceo, que edificava, compungia, espantava, parecendô aos ouvintes, que viam e ouviam ao Apostolo fazerse Grego com os Gregos, Hebreo com os Hebreos, tudo com todos» (177).

Segundo Alonso Romo, S. Francisco Xavier procedia desse modo e recomendava aos outros pregadores que fizessem o mesmo, pedindo que dessem conta de como faziam:

«Si algunos predicadores hoviêre en casa, faréis que ellos sean los que las enseñen, para que preguen por exemplo y den a los que no son pregadores buen odor de sí falando el portugués como lo falan los esclavos, de la manera como hio lo hacía quando allá estava; y quando me escrivirdes, escreverme heis sobre esto» (doc. 92).

Lamentavelmente, não chegou, porém, até nós qualquer sermão de Francisco Xavier.

Nos seus escritos, utilizava, geralmente, a língua castelhana quando o destinatário era espanhol e a portuguesa quando o destinatário era português. Deste modo, são em castelhano as cartas dirigidas a Santo Inácio de Loyola e em português as dirigidas a D. João III. Constata-se que são mais extensos os textos em castelhano do que os escritos em português. As cartas com temas espirituais eram redigidas em castelhano, enquanto os assuntos mais imediatos e quotidianos da missão eram escritos em português. É, todavia, um facto que Francisco Xavier foi progressivamente escrevendo cada vez mais em português e menos em castelhano, o que aponta para um processo em que pouco a pouco se teria sentido mais português. Várias cartas testemunham que Francisco Xavier, a dada altura, se assumia como português, referindo-se à língua portuguesa como “nuestra lengua”.

Conforme costume daquele tempo, desde que chegou à índia, Francisco Xavier ditava as suas cartas sempre que podia e sempre que o assunto não era do foro íntimo. Isso faz com que, quando o escriba era espanhol, não se saiba se os castelhanismos devem ser atribuídos a Francisco Xavier ou a quem escrevia, complicando-se a situação se pensarmos que quase só se lida com cópias ou mesmo com cópias de cópias.

Os escritos de Francisco Xavier situam-se no contexto da literatura produzida no âmbito da expansão ultramarina e, mais

particularmente, no âmbito dos escritos dos missionários, com destaque para os jesuítas. A sua repercussão literária está bem testemunhada nos textos de Fernão Mendes Pinto, João de Lacerda e P. António Vieira.

Na Introdução da obra, Alonso Romo começa por fazer uma breve referência aos estudos xaverianos, dividindo a produção bibliográfica em duas etapas: a primeira, que denomina de pré-científica, vai desde a morte de Francisco Xavier até meados do século XIX, e inclui obras que têm sido estudadas do ponto de vista literário, destacando-se no campo do português João de Lacerda; a segunda, considerada como a «moderna javierología», tem início em França no final do século XIX com Léonard J. M. Cros. Entre os estudiosos de Francisco Xavier, do século XX, destaca o orientalista Georg Schurhammer. Até hoje não se realizou qualquer edição crítica completa dos escritos xaverianos – a de Mário Martins, de 1952, contém apenas 24 escritos, dos quais nove são traduções portuguesas.

Alonso Romo agrupa os escritos de Francisco Xavier, segundo o seu conteúdo, em: cartas, instruções e mandatos, escritos catequéticos, outros documentos e escritos espirituais. De acordo com os destinatários, os escritos são classificados como gerais e particulares, havendo ainda um terceiro grupo constituído pela correspondência que Francisco Xavier dirigiu a D. João III.

Não se conserva qualquer texto dos que Francisco Xavier escreveu nas línguas orientais.

Não aparecem obras citadas entre os escritos de Francisco Xavier, o que leva Alonso Romo a concluir que lia pouco. O seu ensino era sobretudo oral. A sua principal leitura era uma colecção de histórias edificantes chamada “Marcus Marulus”. Francisco Xavier era

«mucho más hombre de acción que de libros, más dado a contactos personales que a lecturas prolongadas» (p. 40).

Entre originais, cópias e traduções, conservam-se hoje 138 textos, dos quais 38 são do século XVI. Dos originais, apenas oito são autógrafos; os restantes foram redigidos por vários amanuenses, mas em alguns deles Francisco Xavier escreveu, com a própria mão, o título ou algumas palavras na parte final. Daqueles 138 textos, apenas 92 são totalmente redigidos em língua portuguesa, sendo-o dois apenas parcialmente. Destes 94, consta somente um autógrafo: o

documento 51, datado de 8 de Maio de 1545 (os restantes 7 autógrafos conservados até hoje estão escritos em língua castelhana).

As páginas 187 a 330 são dedicadas ao estudo linguístico dos 94 documentos escritos em língua portuguesa, numa repartição bastante equilibrada pelos diversos domínios. Fazendo apelo ao método comparativo, o Autor socorre-se sistematicamente de gramáticas, dicionários e de outras obras, especialmente das que contêm edição e/ou estudos de textos da mesma ou de épocas anteriores.

Alguns dos dados registados pelo Autor no que respeita ao estudo grafemático e fonético-fonológico são:

As trocas e alternâncias entre vogais são frequentes. Há, por exemplo, ocorrências de <e> em vez de <i>, muitas vezes por dissimilação na sequência *i-i*, como em *arteficial*, *artelharia*, *certefico*, *defficil*, *deligencia*. Também a sílaba inicial “dis-”, seja ou não prefixo, passa frequentemente a “des-”: *descordias*, *desputas*. Em posição inicial /e/ manifesta uma tendência para realizar-se como [i], fenómeno que já se observa na época medieval. Documenta-se também a síncope da vogal átona /i/ (*sprito*), assim como de /o/ (*croa*). O Autor adverte que não encontrou nenhum caso de /e/ final escrito <i>.

A pronúncia alternante [ow]/[oj] está presente na mesma palavra: *noute* (4) e *noutes* (1), frente a *noite* (14) e *noites* (2). O ditongo /ow/ apresenta, contudo, plena vitalidade em palavras como *cousa* (73), *coussa* (7), *cousas* (138), *coussas* (13), *couza* (45) e *couzas* (64), frente a uma única ocorrência da forma *coisa*, assim como o numeral actualmente escrito “dois”, que apenas apresenta a forma *dous* nas suas 55 ocorrências.

Dá conta de grande número de encontros vocálicos, verificando-se, na maior parte dos casos, alternâncias gráficas, como mostram os exemplos:

<ao(s)>: *nao*, *pardaos*, *mao*, provavelmente correspondem a /aw/;

<ea>/ <ia>, correspondentes à pronúncia [iá]: *negocear*, *remedear*; *negociar*, *erronias*;

<eo>/ <eu>: *ceo*, *Deos*, *morreo*, *deu*;

<io>/ <yo>: *sentio*, *remedyo*;

<ae>/ <ai>: *moraes*, *achaes*, *saibaes*, *mortais*, *acabais*, *cuidais*.

A terminação *-eo*, proveniente da síncope de uma consoante intervocálica, alterna com a terminação *-eyo*. Não há, contudo, qualquer alternância entre *-ea* e *-eya*, documentando-se apenas a primeira.

As terminações nasais foram também objecto de atenção por parte de Alonso Romo. No que respeita aos nomes, o Autor recolheu exemplos de formas terminadas em *-am*, *-on*, e *-ão*, que agrupou segunda a sua origem. Algumas das formas acusam o fenómeno de confusão que se havia verificado nas terminações nasais, já durante o século XIV. Vejam-se, entre outras, as palavras *bençam*, *oraçam*, *coraçam*, *cham*. Também nas formas verbais os textos de Francisco Xavier retratam a mesma confusão (*derão*, *foram*).

O Autor regista o facto de que a escrita com <-on> só acontece no documentó 51, interpretando-o como influência do castelhano. É provável que assim seja – encontram-se aí, de resto, bastantes castelhanismos, entre os quais: *algunos*, *fasta*, *provea*. Todavia, do meu ponto de vista, seria importante fazer uma análise daquele documento, individualmente, por ser, como foi dito, o único autógrafo. É que, além dos factos já apontados, pude verificar que as terminações nasais, quer verbais, quer nominais são ainda etimológicas, o que parece revelar, no que toca à realização das terminações nasais, algum conservadorismo. Atente-se nas formas de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito: *deron*, *vieron*, *fezeron*; nas de presente do indicativo: *están*, *fiquan*, *estudan*; bem como nas de futuro do indicativo: *viran*, *iran*. É também etimológica a terminação que representa a evolução da latina *-onem*: *consolaçon*, *razon*, *declaraçon*.

Alonso Romo chama também a atenção para um outro facto documentado nos textos em análise, em especial no documento 51: a monotongação dos ditongos /ow/ e /ej/. A este respeito, escreve o Autor:

«Pensamos que ambas monoptongaciones existían, al menos en el portugués popular de la India, ya en la primera mitad del s. XVI y tal vez también en el habla meridional de Portugal, de donde parecen proceder tales evoluciones» (p. 333).

Quanto à morfossintaxe, suscitaram-me particular interesse as fórmulas de tratamento, de entre as quais sobressai *Micer*, com as variantes: *Miser* e *Myce*, sempre referida a «Micer Paulo», um jesuíta italiano que acompanhou Francisco Xavier desde a saída de Lisboa. A

forma *mi* ou *my* ocorre a par de *mim*. *Lhe* pode referir-se a uma ou mais pessoas, embora ocorra também a forma de plural *lhes*. O pronome relativo *cuyo* ocorre nos escritos de Francisco Xavier com a função actual, ocorrendo, no entanto, uma vez como pronome substantivo¹ («el-rey de Jafanapatão cujas são essas ilhas»). O substantivo “fim” é já usado como do género masculino, à excepção de um caso, na expressão: «na fim do mundo», que, no entanto, no mesmo parágrafo, apresenta a variante «no fim do mundo». A palavra que significa ‘viagem’ é usada como nome masculino: «este viaje».

No que concerne à classe verbal, o Autor realça o facto de Francisco Xavier usar correctamente o infinitivo pessoal, citando vários exemplos, entre os quais dois retirados do documento 51, o que «demuestra que javier había asimilado perfectamente la lengua portuguesa» (335). Na segunda pessoa do plural, a par das terminações *-ais* e *-eis*, ocorre também *-aes*. Há uma ausência total de participios em *-udo*.

O capítulo IV revela uma importante informação no que respeita à caracterização do léxico, que Alonso Romo considera, justificadamente, variado, agrupando-o em arcaísmos, latinismos, cultismos, castelhanismos e outras palavras romance e orientalismos. De entre os vários escritos, o Autor realça o documento 111, onde é usado um conjunto de termos jurídicos, alguns dos quais se documentam neste *corpus* pela primeira vez. Destaca ainda termos referentes a embarcações e outros domínios ligados ao mar, bem como termos usados por comerciantes portugueses, termos militares e bélicos.

Particularmente interessante é o ponto 2. que é dedicado ao estudo dos neologismos, num conjunto de 101. O Autor elege como obra lexicográfica de referência nas suas pesquisas a 6.^a edição (1990) do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado, mas refere também o Dicionário de Joan Corominas y José Antonio Pascual (citado como DCECH) e outros como Bluteau, Morais Silva, Viterbo, Brunswick e Dalgado. Faz frequentes referências a autores contemporâneos dos escritos de Francisco Xavier, ou de épocas muito próximas, de entre os quais, Camões e Santo Inácio de Loyola. A preceder este estudo, o Autor apresenta uma lista de 31 termos que, partindo das informações extraídas de J.

¹ Prefiro esta denominação à utilizada pelo Autor: “função atributiva”.

P. Machado, poderiam considerar-se neologismos, mas cuja ocorrência demonstra ser anterior, indicando a respectiva fonte.

Interessante é também a recolha que apresenta de cultismos e orientalismos.

O capítulo V da segunda parte é dedicado ao estilo xaveriano. Alonso Romo considera S. Francisco Xavier um autor culto e popular, advertindo-nos de que os seus escritos não devem ser abordados do ponto de vista literário, citando vários autores, entre os quais A. J. da Costa Pimpão, segundo o qual Francisco Xavier «não tem “estilo”, porque não há “estilo” onde um sentimento toma a pena em mão» (294). Fiel ao conceito ciceroniano de que «se debía adecuar la elocución a la materia, al emisor del mensaje y al receptor del mismo» (300), sucede que, como nota Alonso Romo, são frequentes os contrastes que existem, muitas vezes no mesmo texto, «entre expresiones bastante severas, frente a otras, llenas de cariño y delicadeza» (300).

O Autor faz ainda o levantamento e análise de expressões de carácter intensificador, bem como dos recursos léxico-semânticos utilizados, terminando este capítulo com algumas considerações a respeito da retórica xaveriana.

Comentando a falta de estudos sobre esta fase da história da língua portuguesa, observa Telmo Verdelho:

«Não temos conhecimento de estudo, para além do trabalho, já antigo, de David Lopes, e de ensaios parcelares, que dê notícia suficiente, da ampla vivência linguística dos portugueses na imigração e no confronto da expansão marítima» (162).

Ora, com esta publicação, passamos a dispor de uma obra onde se alia um rigoroso estudo de carácter linguístico de *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier* a uma excelente contextualização histórica dos mesmos, oferecendo, deste modo, um valioso contributo para o conhecimento da história da língua portuguesa, particularmente da língua portuguesa do Oriente, do Século XVI - e mesmo de séculos posteriores, se atendermos a que muitos dos documentos são cópias do século XVII e até XVIII.

Maria Luísa Almeida